

O passado pode orientar o futuro

Importância estratégica de um complexo industrial de defesa para o Brasil



Expedito Carlos Stephani Bastos,
Pesquisador de Assuntos Militares da
Universidade Federal de Juiz de Fora.
defesa@ufjf.edu.br

O BRASIL CONSTRUIU, a partir de meados da década de 1960, uma pujante, estruturada e supostamente duradoura indústria de material de defesa. Seus projetos traziam esperanças de que o país conseguiria se transformar em destacado provedor de materiais de emprego militar, agregando tecnologia aos produtos nacionais e trazendo divisas e conhecimentos estratégicos importantes para seu futuro como nação.

foto: Coleção do autor



Lote de EE-9 Cascavel, na Engesa, pronto para entrega ao Exército, em 1986: o blindado mais produzido e exportado, com 1.738 unidades.

A indústria de defesa, após esse período de desenvolvimento inicial, obteve tecnologias críticas primordiais e um relativo sucesso comercial, quando as principais empresas do setor firmaram contratos de desenvolvimento, produção e exportação com diversos países latino-americanos, europeus, africanos e asiáticos.

As vendas de itens de defesa da Embraer, por exemplo – aviões de ataque, treinamento, transporte e patrulha marítima – marcam sua inserção em diversos países, nos segmentos militar e governamental, abrindo caminho para o sucesso de seus produtos nos mercados de todo o mundo.

De modo semelhante, e paralelamente, os setores ligados às forças terrestres da indústria de defesa iniciaram negócios externos, obtendo sucessos de venda. As que mais se destacaram foram Engesa e Avibrás, com importantes vendas na América do Sul, África e Oriente Médio.

Já a força naval, diferentemente das demais, procurou absorver tecnologias no exterior, estimulando a produção local com resultados satisfatórios, que desenvolveram empresas próprias de atuação no setor.

Reveses e lições

Os notórios êxitos de vendas externas receberam apoio de diversos governos daquele período, no qual o Brasil mais se destacou como fornecedor de itens para defesa. Porém, depois, em momento mais delicado pelo qual passava essa indústria, faltou apoio, o que foi crucial para os destinos do setor no país: o apoio interno.

Diversas etapas do ciclo de projeto, desenvolvimento e produção foram exercitados e entendidos. No momento em que toda a cadeia de desenvolvimento e produção entrou em crise, os governantes não cuidaram de preservá-la, incluindo aí todo o conhecimento gerado por anos de pesquisas e qualificação de pessoas, que da noite para o dia se viram desempregadas, desamparadas e lançadas à própria sorte. Nem o material foi mantido para retomada futura. Assim, maquinário e protótipos simplesmente foram sucateados, vendidos

como ferro-velho, sepultando-se assim um fator essencial para o domínio da tecnologia na área de defesa.

Faltou visão estratégica e vontade política, pois as alegações de que “importar é mais barato” e que aquilo era “resquício da ditadura” prevaleceram nos últimos anos somente agora nos mostram o que realmente foi feito.

O setor sofreu considerável revés quando, no início dos anos 1990, assistiu nossas indústrias se desfazerem uma a uma – pela falta de compras externas e pela sempre crônica falta de recursos internos, agravadas por mudanças no contexto internacional, como o fim da Guerra Fria –, jogando fora anos de pesquisa e desenvolvimento.

Alternativas tiveram que ser buscadas pelas empresas para evitar o encerramento de suas atividades. Algumas diversificaram suas operações, adaptando-se às novas realidades. Outras, estatais, foram privatizadas. E as maiores, privadas, simplesmente desapareceram.

Poucas sobrevivem na atualidade – normalmente, as de menor porte.

O histórico do desenvolvimento tecnológico nacional poderia ter sido muitíssimo mais bem aproveitado, levando-se em conta que não perdemos o principal de nossa capacitação: o fator humano.

Entre os ensinamentos dessa experiência, podemos levantar pontos importantes para desenvolver e manter uma indústria de defesa:

Conhecimento do nosso

passado: incluindo de todos os erros e acertos conseguidos em quase três décadas;

Desoneração fiscal:

buscando produzir no Brasil com a mesma carga que onera os produtos importados;

Política real de off set:

que realmente transfira tecnologia de ponta para o país e este possa ter condições de absorvê-la, e não apenas tratá-la como um modismo atual;

Orçamento impositivo para a área de defesa:

pois, na atualidade, isso é obra de ficção – por que não criar uma fonte permanente, vinda diretamente, do petróleo e do minério de ferro, por exemplo, como faz o Chile com o cobre?

Financiamento:

para desenvolvimento de produtos de defesa com aquisição de pré-série e garantia de compras mínimas;

Evitar importações de produtos que podem ser desenvolvidos e produzidos por empresas no Brasil:

com o cuidado de não criar reserva de mercado prejudicial aos interesses nacionais, a exemplo do que foi feito no passado nas áreas de informática e telefonia;

Fortalecimento do

Ministério da Defesa: para que seja fator de integração entre as Forças Armadas e tenha maior poder de decisão, inclusive para compras de itens que possam atender a essas forças;

Compreensão da importância estratégica do conhecimento gerado pelos diversos órgãos militares:

preservá-los como fontes para estudos futuros.

Futuro à vista

Para concretizar uma indústria de defesa sólida e que possa atender à demanda das Forças Armadas, faz-se necessário:

Readequar o nosso parque industrial de defesa,

com fusões de empresas, tornando-as mais competitivas e diversificadas, como tem sido feito na Europa e nos Estados Unidos;

Criar uma agência de aquisição e avaliação de material

para as três forças ligadas ao Ministério da Defesa, com poder de decisão e como forma de transformar as Forças Armadas em operadoras de sistemas de armas, e não detentoras de plataformas “X” ou “Y”, interagindo nos sistemas que forem comuns;

Recriar empresas estatais

para produção de material de defesa que não seja de interesse das privadas (pouca lucratividade, pequenas quantidades e longo intervalo de compras), como forma de suprir e manter operacionais itens importantes que possam ser produzidos no país, evitando-se importações em escala pequena, como tem ocorrido na atualidade;

Flexibilizar nossos

requisitos técnicos, pois, no papel, são excelentes, mas, na prática, acabam por ficar fora da nossa realidade;

Criar maior interação entre os diversos centros de pesquisas,

civis e militares, pois estes, embora pesquisem as mesmas coisas na atualidade, funcionam como ilhas, sem comunicação uns com outros, gerando gastos e cometendo erros recorrentes até obterem praticamente os

mesmos resultados, visto que sempre estamos a reinventar a roda, repetindo erros idênticos a cada 20 anos;

Criar regras bem definidas

quanto aos itens que seriam de maior interesse para o reequipamento das Forças Armadas e para que os gargalos tecnológicos a serem enfrentados possam vir de cooperação oriunda de países que realmente querem e podem transferir tecnologia de ponta, o que muito ajudaria para salvarmos os “sobreviventes” do que foi a indústria de defesa brasileira;

Conhecer o passado e,

aí sim, ter idéia do que pode ser aproveitado

foto: Coleção do autor



para o aprimoramento e a continuação de projetos que eram viáveis na década de 1990 e ainda podem muito bem, com algumas modernizações, ter grande valor para reequipar nossas Forças Armadas e servir como plataforma para agregar conhecimentos importantes. A partir daí, caminharmos para uma sofisticação maior, visto que em tecnologia não se dão grandes saltos, mas, sim, pequenos passos, que, somados, possibilitam um caminhar suave e crescente;

Definir o por quê, o para quê e o como pretendemos, no futuro, empregar essas

Caminhão EE-25 da Engesa: maior volume de produção, com 2.416 unidades em todas as versões.



Replicas de aeronaves civis e militares feitas em metal ou plástico para montar ou montadas, diversas escalas.



Replicas de veículos militares modernos e históricos para colecionar e decorar, diversas escalas, montados e para montar.



Réplicas em escala 1:18 e 1:24 feitas em METAL para decorar e colecionar em varias categorias: American Muscle, Classicos, Tuner, LowRider, Car Show, Vintage e outras.



Aerógrafos para pintura de modelos em escala, artesanato e trabalhos finos de pintura automobilística. Maquinas Ferramentas para hobbie, modelismo e profissionais



Livros, Revistas, Cartões Postais e Posters, de Aviões, Veículos Militares, Museus, Ferrovias, Locomotivas, Automóveis Navios e etc.. Indispensáveis como fonte de consulta e excelente presente.



Relógios de horas transformados em instrumentos de aviões, mecanismo com movimento constante. Parede ou desktop.

Réplica em plástico injetado para montar e pintar ou em madeira, de navios antigos e modernos.



kits plásticos - ferramentas - trens elétricos - carrinhos de metal - brinquedos livros e revistas - eletrônicos - posters - quadros - autoramas - presentes

www.commerce-center.com.br
COMPRAS PELO SITE NA INTERNET
OU POR TELEFONE (011) 3906-7366



Foto: Avibrás

forças, qual o nível de tecnologia que queremos e de que precisamos, visto não termos ambições expansionistas, mas precisamos criar um bloco regional no qual, sem dúvida, nos caberá ser o elo e a força maior para que a região possa ter mais voz ativa no conturbado século XXI, cujo horizonte não é dos melhores;

Evitar que empresas ligadas à área de defesa se digladiem, como no passado, levando muitos projetos a ser deixados de lado, competição esta que caminhava para a quase hegemonia de um determinado grupo. Muitas soluções e necessidades reais de nossas Forças Armadas foram esquecidas, sonhando-se com um grau de sofisticação muito distante de nossa realidade. Tanto que hoje continuamos a comprar equipamentos de segunda mão, excedentes da Europa e Estados Unidos, embora, em vários casos, tivessem existido similares nacionais, muitas vezes superiores aos que vêm sendo adquiridos;

Ter visão estratégica, o que nos faltou em décadas passadas, e compreender que produzir e desenvolver material de defesa não faz mal à sociedade, pois, se conseguirmos dominar pontos importantes nessa área, ela trará enorme benefício a todos, desenvolvendo tecnologias sensíveis e até duais, que os países mais adiantados não querem e não podem nos transferir;

Manter um museu tecnológico seria de extrema importância, juntando tudo o que sobrou do nosso desenvolvimento nessa área no passado, com a finalidade de servir de base para desenvolvimentos futuros.

Só um decreto não basta para manter e ampliar uma indústria de defesa.

É preciso analisar a grande interatividade entre as indústrias nacionais e multinacionais e as Forças Armadas que, no passado, transformou o país em produtor de material de defesa para seu uso e para exportação, com erros e acertos, desenvolvendo tecnologias que, na maior parte, não podem ser compradas, pela simples razão de que quem as detém não ensina a dominar seu ciclo de produção, criando a terrível dependência;

Uma análise detalhada de nossas capacidades outrora ativas pode nos mostrar importantes caminhos a seguir. Tecnologias e projetos, após a devida revisão, seriam plenamente factíveis e adaptáveis a nossa realidade atual e traríamos novamente aos domínios da nação a capacidade de gerir projetos de defesa com ganhos para diversos setores da economia. **DL**

O desejo de ter equipamento brasileiro deve ser dos brasileiros, e não dos fabricantes mundiais.

Tecnologia não se compra, desenvolve-se.